



# O menino da máscara negra

ARMAND VALIÈRE

Solitário e furtivo,  
um dia Mamadu encontrou  
um amigo – na verdade,  
uma família inteira

À PRIMEIRA vista, parecia não haver nada de extraordinário naquela cerimônia de casamento, num sábado de junho de 1975. Realizava-se no andar térreo, inundado de sol, da prefeitura da pequena cidade de Saint-Genis-Laval, nos subúrbios de Lyon. Carole Guitay, de 21 anos, filha do 1.º Sargento reformado Jean Claude Guitay (loura e de aparência frágil em seu vestido de cetim branco) ia casar-se com Jean Gilbert, comerciante, de 28 anos.

Então, a primeira testemunha, um jovem negro de cerca de 20 anos, vestido com um magnífico

*bubu* do seu Mali natal, bordado de azul, avançou uns passos para assinar o registro. Finda a assinatura, virou-se para a noiva e abraçou-a fortemente. O pai e a mãe da moça vieram em seguida – mais abraços. Explodiam flashes, zumbiam as câmaras de televisão. Mamadu Coulibaly, as lágrimas a correrem pela cicatriz que descia do nariz à boca, mais do que a noiva, era o centro das atenções.

A história de Mamadu e das suas relações com a família Guitay tinha algo de raro e comovente. Tudo começou no verão de 1957 em Ségou, no Sudão francês de então, para onde Guitay fora designado e levava sua mulher Jacqueline, e os filhos – Carole de três anos, Jean-Claude, de sete e Georges, de dez. Numa tarde de agosto, Guitay passava pelo bairro africano, quando sua atenção foi atraída por um grande ajuntamento. Forçando caminho por entre os espetadores, deparou com um espetáculo revoltante – um guarda africano, de estatura gigantesca, espancava um rapaz de cerca de dez anos.

«Foi superior às minhas forças», conta ele. «Fui tomado por uma fúria cega. Arrebatei das mãos do torturador o pau e dei-lhe uma pancada violenta antes que ele conseguisse escapar. A criança, aproveitando a oportunidade, fugiu. Uma coisa me chamara a atenção: o menino usava uma máscara negra que lhe cobria a parte inferior do rosto.»

Em conseqüência, primeiro, de ter batido num guarda africano e, depois, de ter expulso da sua casa um inspetor da polícia que o viera admoestar, o magríssimo sargento ficou em prisão domiciliar durante 45 dias. Semanas depois, Guitay já quase não se lembrava do incidentes. Então, uma noite, ouviu um ruído surdo embaixo da varanda. Na manhã seguinte, encontrou sinais na poeira do chão, como se alguém tivesse dormido ali.

Na noite seguinte, a fim de surpreender o intruso, o sargento levantou-se às quatro da manhã. Desceu as escadas nas pontas dos pés – e encontrou uma criança adormecida num canto. «Pela sua máscara», recorda ele, «reconheci imediatamente o rapaz a quem eu socorrera. Quando lhe toquei no ombro, ele estremeceu violentamente. 'Por que é que você usa máscara?', perguntei. Ele balbuciou algumas palavras quase indecifráveis em francês, e fugiu de repente, deixando atrás de si uma trouxa de roupas esfarrapadas e um cassetete improvisado, feito com uma câmara-de-ar de bicicleta cheia de areia e pedras».

Guitay convenceu-se de que nunca mais veria o rapaz, mas, passada menos de uma semana, descobriu-o outra vez no mesmo lugar. Desta vez, o próprio Guitay viu a resposta à sua pergunta. «O garoto tinha-se movido durante o sono e a máscara preta de oleado escorregara, deixando ver a horrenda face que havia por trás dela.

Três quartos do nariz, os lábios e os maxilares estavam destruídos. A face direita estava dilacerada, e a língua, visível através do buraco aberto, era apenas uma massa de polpa escarlate.

O sargento afastou-se silenciosamente. No dia seguinte, começou a fazer averiguações a respeito do menino no bairro africano. O nome, segundo soube, era Mamadu, e tinha cerca de dez anos. Dois anos antes, ferira-se acidentalmente brincando com um rifle do tio, disparando um tiro no rosto. Tinha família — mãe, irmãs, irmãs e o pai, que era cego e cuja pequena pensão não chegava para pagar o tratamento do filho. Para esconder seu rosto desfigurado, o menino usava máscara, mas isso não o protegia do ridículo e da violência. Havia sido expulso da escola porque tinha machucado duas crianças que criticaram dele. Dizia-se que seu defeito era devido à lepra; por isso o rapaz, condenado à solidão, tinha de roubar comida para sobreviver.

Mamadu passava agora todas as noites sob a varanda, e o sargento habitou-se a deixar-lhe sempre uma tigela de comida. Foi difícil aproximá-lo da família. «Os olhos de Mamadu brilhavam e sobressaíam ainda mais devido à máscara», relembra o sargento, «mas a base da máscara estava coberta de saliva que caía em baba da ferida aberta.» Quando Carole, com três anos, o viu pela primeira vez, fugiu gritando para os braços da

mãe. Também não foi positiva a reação da Sra. Guitay. «Leve esse mascarado para longe daqui», disse ela ao marido.

«Deixemos as coisas correrem naturalmente», pensou Guitay. «Elas se habituarão.»

Como Mamadu nunca deixasse restos na tigela, as porções eram constantemente aumentadas. Intrigado, Guitay seguiu-o um dia e descobriu que Mamadu levava comida que sobrava aos três irmãos. «A descoberta provocou sensação na família», recorda o sargento. «Era evidente que Mamadu tinha um coração de ouro. Ficamos sensibilizados».

Uma noite, um furacão sacudiu a casa. Acordando em sobressalto, Guitay correu escadas abaixo e trouxe o menino para se abrigar em casa. Na manhã seguinte, quando a pequena Carole desceu, cumprimentou-o com um simples «Bom dia, Mamadu». Já não tinha medo.

Mamadu ainda hesitava em entrar em casa, mas Guitay já podia passar-lhe a mão na cabeça sem que ele se assustasse.

À medida que as semanas decorriam, o pequeno Georges começou a ajudar o pai nos seus esforços para tranquilizar o cauteloso visitante. De pé na varanda, fazia pender numa corda um balão feito de bexiga de boi que lançava devagar sobre o abrigo de Mamadu. Depois, da mesma maneira, mandava bananas e balas num cestinho para o menino da máscara.

Em breve, tornaram-se grandes amigos. Muitas vezes, brigavam por brincadeira, rolando no chão. Georges que era maior e mais forte, permitia que Mamadu o imobilizasse no chão.

«Uma tarde», conta Guitay, «reparamos que os dois meninos (nós os chamávamos de 'os inseparáveis') estavam sentados sob a varanda, as cabeças unidas em cima de um livro. Georges decidira ensinar Mamadu a ler e a escrever em francês; em troca, o rapaz africano ensinava-lhe o seu dialeto nativo bambata.» Passados seis meses, Mamadu estava à vontade, jogava bola-de-gude com Carole e Jean-Claude, e os ajudava a tratar da gazela de estimação. Dirigia-se a todos tratando-os familiarmente «tu», chamava os pais de «Senhor Chefe» e «Senhora Chefe», e partilhava uma cama com seu «irmão» Georges.

Em novembro, Guitay foi designado para uma missão na parte ocidental do país. De regresso a Ségou achou a atmosfera tensa: no momento em que inscreveu a família para as festividades de Natal da base, houve tantas desistências que a festa foi cancelada. «Tente compreender», explicou-lhe finalmente um de seus colegas. «Quando voltar para a França, quero levar meus filhos com saúde – e você tem um pequeno leproso em casa.» Nesse ano, os Guitay celebraram o Natal em casa, e Mamadu pela primeira vez recebeu presentes de todos.

Em janeiro de 1958, a hostilidade entre as outras famílias da base para com os Guitay tornou-se intolerável. Um dos vizinhos reforçou sua sebe de espinheiro com quatro fios de arame farpado. Na verdade, o rumor de que o rapaz da máscara tinha lepra assumira tais proporções que o comandante do batalhão ordenou um exame médico pelo Capitão da base, Paul Rouzauld. O resultado foi fixado à entrada do refeitório: «O exame médico averiguou que o jovem Mamadu, vivendo atualmente com a família Guitay, sofre de deformações faciais causadas por acidente. Não são resultado de nenhuma doença. Em consequência, está o jovem Mamadu autorizado a circular livremente dentro dos limites da base militar.»

Depois disto, a situação melhorou radicalmente. Em setembro, porém o jovem mascarado ficou gravemente doente com malária e o Dr. Rouzauld conseguiu permissão para que ele fosse internado na enfermaria do batalhão. «O médico tinha um plano», explicou Guitay. Após a crise, manteve Mamadu ainda lá durante quatro meses, sob a alegação de que o menino estava tão fraco que era preciso recuperá-lo. Mamadu nos visitava regularmente, até que um dia não apareceu – nem depois.»

O Dr. Rouzauld disse-nos que ele havia ido a Mopti, uma aldeia a uns 300 quilômetros de Ségou, visitar uns parentes. Os meses passaram sem que ele desse notícias.

Tempos depois, numa manhã de maio, em 1959, a Sra. Guitay viu um garoto sentado em frente da porta. «Levei uns segundos para reconhecê-lo. Que transformação! Não tinha máscara. Seu rosto era de novo humano. O nariz fora recomposto, a bochecha e o enorme talho na boca tinham sido costurados. Era um milagre!»

Mamadu desatou a rir. «Queria fazer-lhes uma surpresa!» disse. O Capitão Rouzauld explicou o mistério. Um amigo seu, jovem cirurgião, viera recentemente servir em Mopti. Embora não fosse um especialista em cirurgia plástica, aceitara operar Mamadu devido à insistência de Rouzauld. Claro, não era possível transformá-lo num beleza, mas o que tinha sido uma ferida aberta era agora um rosto, que não precisava mais se esconder por trás da máscara.

Em vez de se mover junto às paredes quando passeava pela cidade, Mamadu caminhava agora com a cabeça erguida. Recebeu muita atenção, por parte dos espantados africanos, e até alguns dos europeus que o tinham tomado por leproso o convidavam agora para ir a suas casas.

Em agosto de 1959, o sargento Guitay foi transferido para a França. «Enfrentamos então uma crise de consciência», disse ele. «Com seu novo rosto, Mamadu tinha-se reintegrado na comunidade africana, sendo recebido como uma personagem importante. A família dedicava-lhe

maior atenção; ia voltar para a escola. Apesar disso, é claro, preferia partir conosco...»

A escolha era difícil. Não obstante os pedidos insistentes dos filhos, os Guitay acharam que não estaria certo levar Mamadu para longe de sua terra natal.

As despedidas foram delorosas. «Não chore», Mamadu consolava a angustiada Jacqueline Guitay. «Com o rosto que tenho agora, tudo correrá bem.»

Os anos passaram. Os Guitay perderam o contato com Mamadu, embora nunca o esquecessem.

Em outubro de 1965, na véspera do seu décimo oitavo aniversário, Georges Guitay morreu de leucemia. Esta morte reforçou o desejo imenso dos Guitay de se verem reunidos com o jovem que eles continuavam a considerar 'irmão' de seu filho – mas ainda teriam de esperar cerca de dez anos.

«Um dia», conta Guitay, «estávamos ouvindo a Rádio Europa, quando Pierre Bellemare pediu que lhe mandassem histórias de Natal para um programa especial de fim de ano. Escrevemos a ele contando a de Mamadu – mas a nossa fé num milagre era pouca.»

Mas o milagre aconteceu. No dia 2 de janeiro de 1975, Bellemare leu no rádio a carta do sargento. Foi ouvida em Caen por Gabriel Fleury, cujo genro, Amadou Kamir Doumbia, era o responsável pelo noticiário da Rádio Mali, em Bamako, a capital. A história foi transmitida pela estação do Mali.

Um mês mais tarde, Fleury telefonou a Guitay dizendo que Mamadu fora encontrado.

Trocaram-se cartas. A de Mamadu começava por «Querido Papai, Minha Querida Mamãe». Contava-lhes que tinha ido trabalhar numa fábrica em Bamako. Era agora chefe do departamento de pintura e conservação e ia se casar em abril. Também escreveu umas palavras sobre Georges «que não posso esquecer pois tanto me amparou» – e expressava sua gratidão. «Graças a vocês, tornei-me alguém em Bamako. Uma pessoa pode nascer e viver a vida inteira sem ter a sorte de conhecer tão boa gente como vocês.»

Combinou-se que Mamadu iria à França passar um mês com os

Guitay. Assim, em 27 de junho de 1975, depois de uma longa separação de 16 anos, Mamadu aterrissou no Aeroporto Charles de Gaulle e juntou num abraço sua mãe e seu pai adotivos.

Na tarde do casamento de Carole, Mamadu travou conhecimento com novos membros da família e fez-se amigo deles: o sargento reformado tinha dois filhos mais novos, Thierry de 7 anos e Patrick de 12; Jean-Claude tinha dois filhos. Mamadu insistiu em passar a noite no quarto deles. «É para protegê-los, como Georges fez com o menino da máscara.»

*Mamadu casou com Habi Diakitê em 25 de abril de 1975. Têm agora um menino chamado Sidi.*

---

UMA SENHORA de idade, que viajava de avião, reparou que um homem sentado numa das poltronas do outro lado do corredor, encostado à janela, não tirava os olhos dos motores. Passado algum tempo, a senhora dirigiu-se ao homem e disse-lhe: «Se o senhor quiser se levantar um pouquinho para estender as pernas, eu fico aqui tomando conta dos motores.»

– W. W.

UMA GAROTA ficou surpreendida pela facilidade com que seus pais conseguiram financiamento para comprar um carro novo. Quando lhe disseram que tinha sido um banco que emprestara a maior parte do dinheiro, ela perguntou, interessada: «E como é que nós iremos agradecer?»

«Mensalmente», respondeu a mãe. «Mensalmente.»

– M. T.

AO ENTRAR na agência do correio com meu cachorrinho pela corrente, reparei num aviso que dizia: PROIBIDA A ENTRADA DE CÃES.

Dirigi-me à funcionária e pedi-lhe desculpa por ter entrado com meu cachorro.

«Eu não me importo com esses que vêm pela corrente, com os donos», disse a moça. «Aquele aviso é para os que entram sozinhos.»

– J. D.